

BOLETIM INFORMATIVO

ABRIL - 2019



Acompanhe-nos pelo Facebook
ou visite nosso site vidamaisviva.org.br



Lajeado, abril de 2019.

Mais de 75% dos adolescentes de Lajeado já consumiram bebidas alcoólicas

Diagnóstico feito a partir de pesquisa com estudantes, de 12 a 17 anos de idade, revelou dados alarmantes sobre o consumo de substâncias psicoativas por adolescentes de Lajeado.

Dentre os índices mais preocupantes está o crescimento do consumo de álcool. O percentual daqueles que provaram a droga alguma vez na vida passou de **63,1%**, em **2012**, para **75,6%**, em **2017/18**. Destes, 92,8% teriam usado a substância nos últimos 12 meses - o que caracteriza a continuidade de uso. **Página 3**

Análise dos especialistas: "Estamos fechando os olhos para este grave problema"

Por meio das perguntas respondidas na pesquisa e do trabalho realizado com estudantes, membros do Programa Vida+Viva sem Álcool -18 anos concluíram as possíveis causas do aumento do consumo e da precocidade de uso das substâncias psicoativas por adolescentes de Lajeado. **Página 4**

Infográfico: pesquisa sobre o uso de bebidas alcoólicas por adolescentes na cidade de Lajeado

Página 5 e 6

"O Vida+Viva é uma força para nós"

Realizado desde 2015, o Concurso Cultural é a principal porta de entrada das escolas no Programa Vida+Viva sem Álcool - 18 anos. A Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) São José de Conventos, do Bairro Conventos, é uma das instituições participantes do evento. Alunos e professores contam como é a conscientização dentro da sala de aula do uso de bebidas alcoólicas na adolescência. **Página 7 e 8**

Dicas: tem filho adolescente?

Conheça as nossas sugestões e também saiba para quais órgãos públicos recorrer para denúncias e irregularidades. **Página 8**



Agenda do Programa e Datas Importantes:

Abril: Nota Fiscal Gaúcha: Ajude a Alsepro - ProgramaVida+Viva e o Adolescente Legal com Música através da destinação do seu imposto. O prazo é até **ABRIL**.

16 de Outubro: Seminário Técnico Científico, auditório do prédio 7 na Univates.

17 de Outubro: Concurso Cultural no auditório do prédio 7 na Univates.

Acompanhe nossa programação e agenda no nosso Facebook: [@vidamaisviva.org.br](https://www.facebook.com/vidamaisviva.org.br) e também através do nosso site: vidamaisviva.org.br

A transformação da sociedade acontece por meio da ação da sociedade. Vem com a gente?
#sejavoluntariovidamaisviva
Acesse vidamaisviva.org.br





Conheça o Vida+Viva Sem Álcool - 18 anos

Mantida pela Alsepro, a iniciativa foi criada em 6 de dezembro de 2012, o Programa Vida+Viva sem Álcool - 18 anos trabalha em conjunto com as escolas para conscientizar crianças e adolescentes, por meio de palestras e atividades lúdicas, acerca dos riscos do consumo de álcool e outras drogas.

Desde 2014, realiza o Concurso Cultural em que os estudantes podem expressar opiniões e sentimentos a respeito do assunto por meio de apresentações musicais, teatrais, de dança e de vídeo. O objetivo é torná-los protagonistas e membros ativos da luta contra o alcoolismo e a drogadição.

Apesar de ser o foco, os estudantes não são os únicos envolvidos pela iniciativa. Rumo à quarta edição, o Seminário Técnico-Científico Vida+Viva provoca a discussão com profissionais da Educação, Saúde e Segurança Pública e Justiça, ligados ao tema.

Ainda contribui com a realização de estudos e pesquisas acerca do uso e contato de substâncias psicoativas por estudantes de Lajeado, tendo apresentado o primeiro diagnóstico em 2012 e o segundo em 2017/2018, cujos resultados e análises serão detalhadas neste boletim. O objetivo é mostrar à sociedade o cenário preocupante em que nos encontramos e, assim, mobilizar os diferentes setores da comunidade para auxiliarem na resolução deste problema.



Jornalista responsável: Carolina Chaves da Silva
Fotos: Carolina Chaves da Silva e banco de imagens online
Revisão ortográfica: Camila Pires
Coordenador do programa Vida + Viva Sem Álcool (-18 anos): Promotor de Justiça, Neidemar Fachinetto
Secretária do programa Vida + Viva Sem Álcool (-18 anos): Gilmara Scapini.
Coordenador da pesquisa/diagnóstico executada pela Univates: Professor Dr. Luís César de Castro.

Departamento Cultural: Jelci Danieli – Unimed VTRP, Rosele Dotto – Smat e Viviane Theves Eckhardt - Univates.
Departamento De Comunicação: Renita Ulsenheimer – Terceira Visão Multimídia, Camila Pires e Fábio Jaeger.
Departamento Científico: Dr. Professor Luís César De Castro – Univates e Dra. Letícia Hennemann Leite - Unimed.
Produção gráfica do material: Terceira Visão Multimídia
Número de exemplares: 10.000
Impressão: Gráfica Lajeadense



Investidores do programa:

Execução:



Entidades:



Alerta à sociedade

Mais de 75% dos adolescentes de Lajeado já consumiram bebidas alcoólicas

Índice foi obtido por meio de estudo realizado entre 2017 e 2018.



Diagnóstico feito a partir de pesquisas com estudantes, de 12 a 17 anos de idade, revelou dados alarmantes sobre o consumo de substâncias psicoativas por adolescentes de Lajeado.

Dentre os índices mais preocupantes, está o crescimento do consumo de álcool. O percentual daqueles que consumiram alguma vez na vida passou de 63,1%, em 2012, para 75,6%, em 2017/18. Destes, 92,8% teriam usado a substância nos últimos 12 meses - o que caracteriza a continuidade de uso.

Assim, ao atingir 17 anos, os estudantes apresentam comportamento de consumo de bebidas alcoólicas de um adulto, ou seja, quando nem sequer deveriam ter provado o produto, já possuem uma trajetória de utilização.

Segundo o coordenador da pesquisa, professor Dr.

Luís César de Castro, este consumo, anterior aos 25 anos, é extremamente prejudicial.



Substâncias psicoativas como o álcool podem provocar prejuízos ao desenvolvimento do córtex pré-frontal do cérebro e assim gerar dificuldades neuropsicológicas, incluindo danos cognitivos e falhas na maturidade cerebral.

"Quanto mais cedo fazem uso de álcool, mais prejuízos têm e mais suscetíveis ficam à dependência. Por isso, é tão necessário combater a precocidade de uso através do fortalecimento dos ambientes familiar, escolar e social", ressalta Castro.

O contato com outras drogas lícitas, como o tabaco e calmantes, segue a tendência do álcool. No caso do cigarro, o percentual daqueles que continuaram consumindo depois de experimentar subiu de 46,4% para 60% do total, o que pode estar relacionado à diminuição de propagandas contra o uso desta substância.

Já a utilização dos medicamentos tranquilizantes cresceu de 8% para 11%. "Muito desse acesso aos medicamentos controlados ocorreu sem prescrição médica e, sim, por oferta de adultos", afirma Castro.

Luís César de Castro, coordenador da pesquisa.

“ Quanto mais cedo fazem uso de álcool, mais prejuízos têm e mais suscetíveis ficam à dependência”

Luís César de Castro, coordenador da pesquisa.

Uso da maconha começa antes dos 12

Drogas ilícitas, como a maconha, passaram a ser usadas ainda mais cedo pelos adolescentes. Antes, o primeiro contato acontecia aos 13,7 anos, hoje, pelo menos aos 12 anos. Em 2012, menos de 10% haviam provado o entorpecente. Já no ano passado, 18,3% admitiram ter experimentado. Destes, 79,2% continuaram usando contra 70%, na comparação com a pesquisa anterior.

O mesmo ocorre com a cocaína e seus derivados, inclusive o crack. Antes, o primeiro contato ocorria aos 14 anos, agora aos 13,6 anos - isto com 42,47% daqueles que admitiram o uso. Os demais, 57,53%, não lembravam quando haviam experimentado a substância pela primeira vez. Em relação às drogas ilícitas sintéticas, incluindo o ecstasy, o percentual de uso triplicou, passando de 1,5% para 5,6%.

Na comparação entre o consumo feito por meninos e meninas não foram identificadas diferenças expressivas, porém, as entrevistadas com idade entre 12 e 15 anos demonstraram ter tido maior contato com substâncias psicoativas do que os entrevistados, configurando importante risco de vulnerabilidade em eventos sociais, como festas.

Tanto o primeiro uso quanto a continuidade aumentam expressivamente conforme a idade dos adolescentes. **Em 2012, 28% dos adolescentes com 12 anos já haviam experimentado drogas lícitas ou ilícitas. Este número subiu para 50,6% em 2017/18. Aos 17, o índice chegou a 95% no último diagnóstico.**

Como o diagnóstico foi feito?

A pesquisa foi executada pelo Núcleo de Pesquisa em Assistência Farmacêutica do Vale do Taquari, da Univates, sob coordenação do professor Dr. Luís César de Castro. Abrangeu estudantes das escolas públicas municipais, estaduais e privadas de Lajeado, com idades entre 12 e 17 anos, completos em 2017 e 2018.

Para isso, foi necessário o auxílio da Secretaria Municipal de Educação de Lajeado (SED), e da 3ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), além das direções das escolas, que deram todo o suporte para a aplicação do instrumento de pesquisa.

Para garantir o sigilo e a não identificação dos participantes, também houve a prévia autorização formal dos pais e a manifestação do próprio consentimento do estudante.

Só depois disso, eles puderam responder às 136 perguntas. Do total de questionários aplicados, 1.539 puderam ser utilizados pelos pesquisadores por conterem todas as respostas, sem contradições. Destes, 691 eram de meninos e 848 de meninas.



“Estamos fechando os olhos para este grave problema”

Por meio das perguntas respondidas na pesquisa e do trabalho realizado com estudantes, membros do Programa Vida+Viva sem Álcool (-) 18 anos concluíram as possíveis causas do aumento do consumo e da precocidade de uso das substâncias psicoativas por adolescentes de Lajeado.

O descumprimento de diferentes leis que visam coibir o acesso de crianças e adolescentes ao álcool e outras drogas é um dos fatores preponderantes para este quadro alarmante, aponta o coordenador do Programa Vida+Viva sem álcool (-) 18 anos, Promotor de Justiça, Neidemar Fachinetto.

Mesmo sendo proibido, alguns adultos vendem ou repassam estes produtos a menores de idade. Isto se deve, sobretudo, à negligência dos órgãos públicos na hora de fiscalizar e punir os responsáveis.

São necessárias mais operações da Brigada Militar nos locais onde acontece o comércio e consumo por parte de adolescentes; mais investigação por parte da Polícia Civil; além da responsabilização, por parte do Ministério Público e do Judiciário, de quem viola as leis. A atuação do Conselho Tutelar também precisa ser mais incisiva.

“A fiscalização deve ser percebida pelos entes públicos como algo de grande relevância. Falta entender o quanto isso impacta na violência urbana e traz mais trabalho a todos estes setores, porque culmina na violência doméstica; nos homicídios; nas brigas; nos acidentes de trânsito, por exemplo”, pontua.

Além da via criminal, também é possível atuar na esfera administrativa. “É possível fazer muito com as leis já existentes, basta querer. Vários países, por exemplo, enfrentaram esse problema atuando por meio do Código de Posturas, na fiscalização do alvará do comércio irregular e com outras medidas de caráter administrativo.”

Segundo estudos, o álcool é um fator de risco para o ingresso na criminalidade de adolescentes com idade entre 12 e 17 anos. A mesma substância também motiva 70% das ocorrências policiais. “Ah, mas são pessoas adultas. Sim, mas o adulto que usa o álcool de forma indiscriminada é o mesmo adulto que compõe a família, que cria filhos e dá o (mau) exemplo, principalmente tolerando o uso desta substâncias por crianças e adolescentes. As coisas não podem ser dissociadas. Estamos fechando os olhos para um grave problema”, enfatiza o coordenador do programa.

Integrante do programa e parceira na pesquisa, a ginecologista Dra. Letícia Leite ressalta a necessidade de maior controle por parte da sociedade. Cita, como exemplo, a Lei Seca, de grande eficácia no país, por aplicar multas severas e até prisão para os motoristas que dirigem embriagados. Infelizmente, as pessoas só aprendem assim.”

Falta controle da família

Conforme citado por Fachinetto, os fatores estão interligados. Se o Estado não se movimenta minimamente para fiscalizar, cria-se uma tolerância maior. A própria Constituição aponta que o dever de zelar pelas crianças e pelos adolescentes é de todos. “Cobrar direto do adolescente não funciona. Eles dizem que enquanto as pessoas continuarem fingindo a inexistência do problema, eles vão continuar bebendo”, afirma Dra. Letícia.

Ainda assim, independentemente da fiscalização, é preciso atentar ao modo como os pais e familiares tratam o tema dentro de casa e como se relacionam com esse tipo de substância. “Se eu organizo uma festa de 15 anos, poderia ter álcool se os participantes/convidados têm menos de 18 anos? Me parece que não. Será que os pais não estão um tanto equivocados na organização dessa festa, em particular?”, questiona o coordenador da pesquisa, Dr. Luís César de Castro.

Outro dado também é representativo neste sentido, aponta o docente. “A maioria dos momentos de iniciação acontece na presença dos pais. É possível perceber só constatando a idade mínima de consumo de algumas crianças. Quem ofereceria, de modo simbólico, álcool para uma criança de 4 anos, na chupeta ou num brinde de fim de ano?”



Dra. Letícia Leite, ginecologista e parceira na pesquisa.

Dra. Letícia percebe a convivência dos responsáveis por meio do seu contato com os adolescentes em escolas do município, onde ela trabalha questões de sexualidade. “Eu vejo que esses pais realmente não se informam. Eles compram, eles fornecem as bebidas e isso inclui todas as camadas da sociedade. Inclusive, a gente percebe que os pais que querem manter os filhos dentro da lei enfrentam problemas. Até os adolescentes dizem: ‘se não tiver bebida, ninguém vai numa festa.’”

O cuidado com os jovens deve ser tão grande quanto a cautela sobre as crianças, pois o nível de amadurecimento deles ainda não é suficiente para detectar os perigos das próprias ações. “Ele ainda precisa do olhar da família e da sociedade. O problema é que não temos mais nem um, nem outro, porque dá trabalho. As pessoas não querem explicar, dialogar, investir tempo, mas é preciso. Se os integrantes da família não se comunicam, a sociedade precisa contribuir de modo positivo”, ressalta a médica.

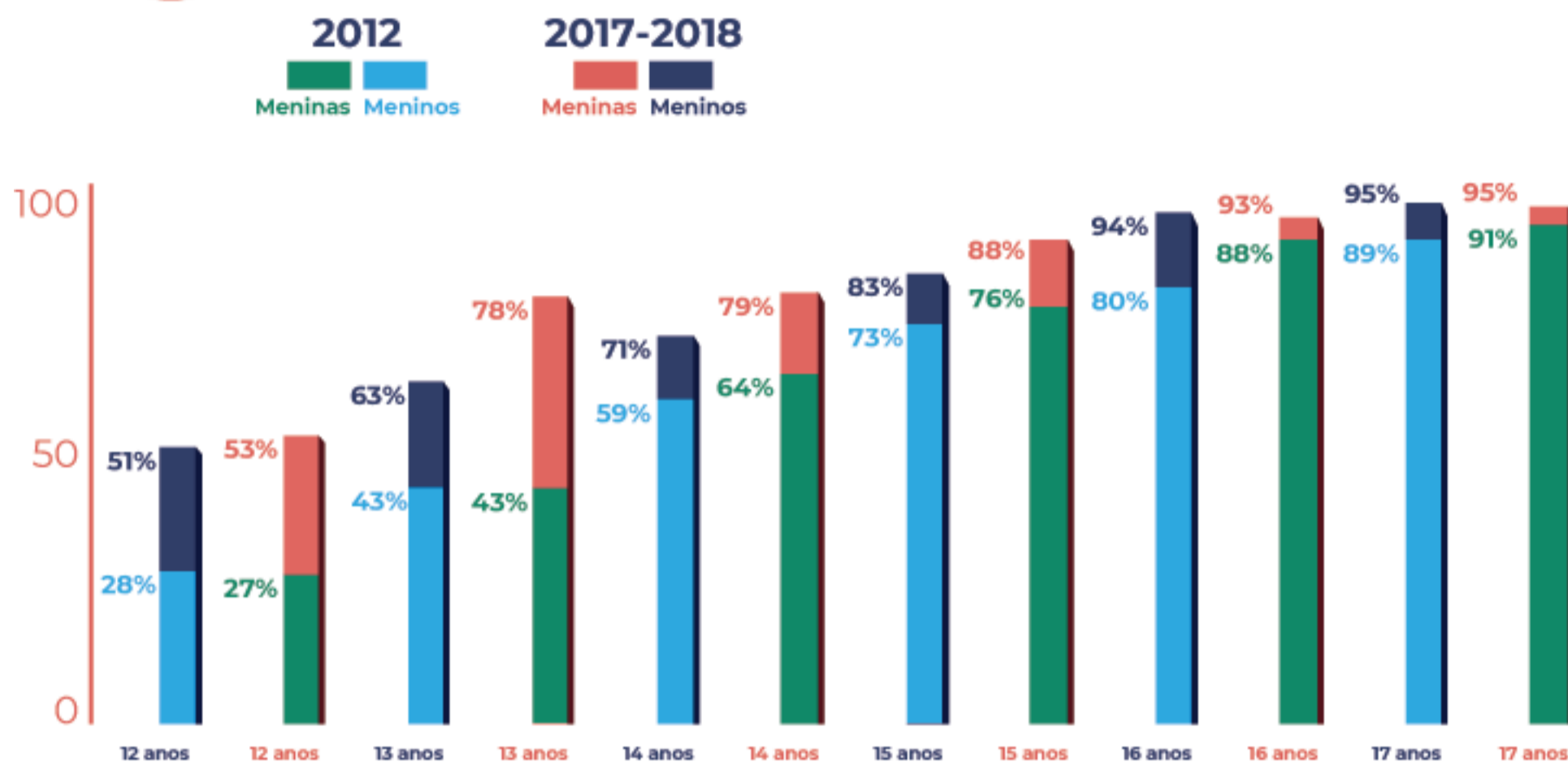
“A fiscalização precisa ser percebida pelos entes públicos como algo de grande relevância”, Neidemar Fachinetto, coordenador do Programa Vida + Viva sem Álcool - 18 anos.



Neidemar Fachinetto, Promotor de Justiça e coordenador do Programa Vida+Viva.

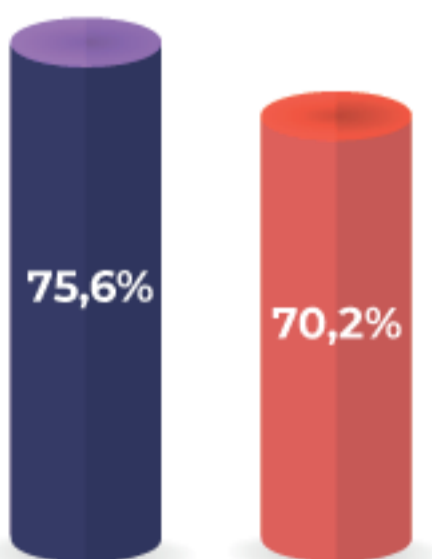
PESQUISA SOBRE O USO DE ÁLCOOL POR ADOLESCENTES NA CIDADE DE LAJEADO/RS

EXPERIMENTAÇÃO DE QUALQUER SUBSTÂNCIA PSICOATIVA SEGUNDO SEXO E IDADE (2012 E 2017-2018)



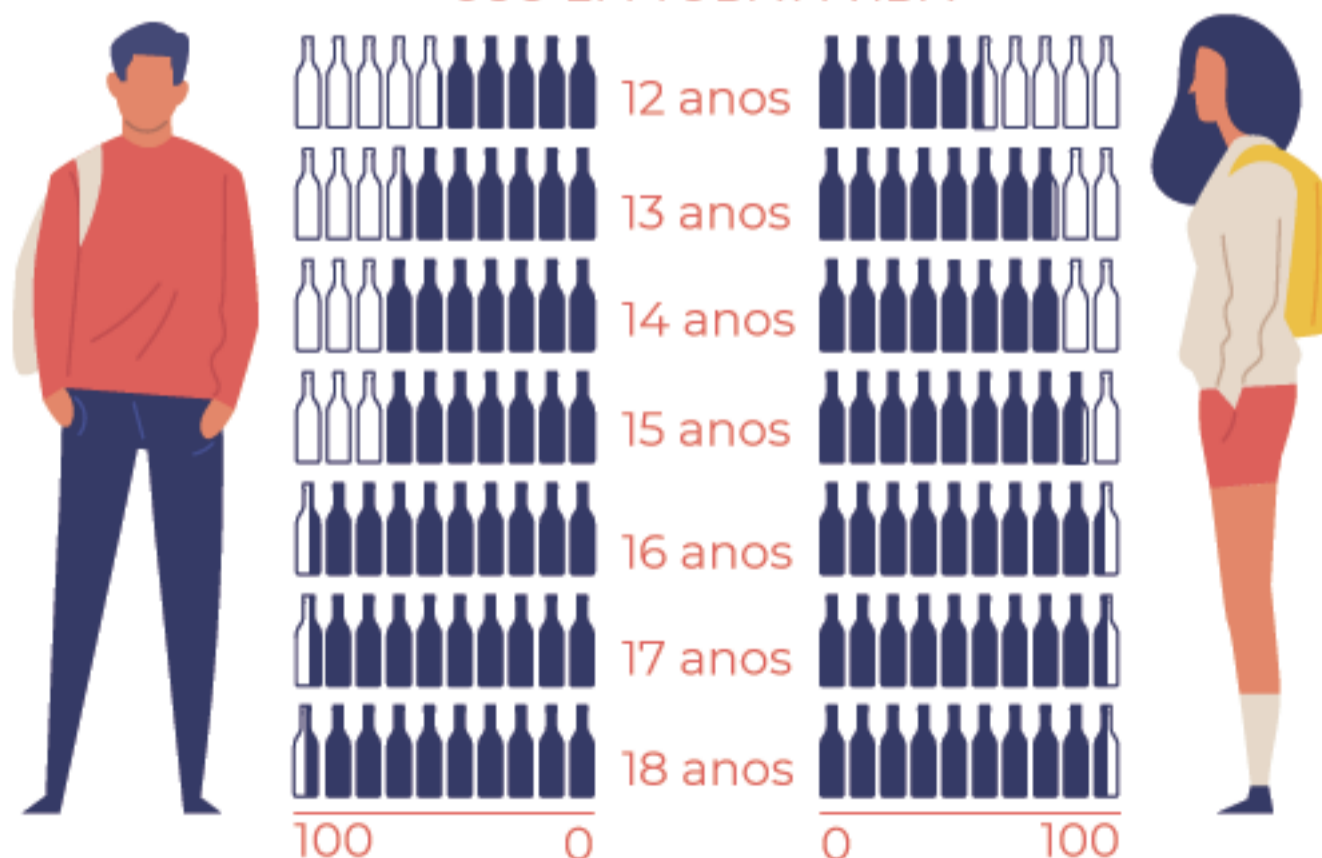
USO DE ÁLCOOL POR ESCOLARES ENTRE 12 E 18 ANOS segundo ano de nascimento, em 2017 e 2018

PANORAMA GERAL



● Uso na vida
● Uso nos últimos 12 meses

USO EM TODA A VIDA





¹Continuidade de uso nos últimos 12 meses;



Sobram eventos e influência da mídia

Além da fiscalização do Poder Público e do controle dos pais, para os especialistas, ainda é necessário diminuir propagandas estimulantes ao consumo de álcool. Menores de 18 anos são proibidos de comprar álcool, porém, o mercado e a mídia relacionam o consumo desta substância a uma vida saudável, que só traz alegrias.

Os impactos negativos não são apresentados, o que gera um conflito na cabeça de quem não está preparado para analisar e criticar essas informações. Mais de 30 projetos de lei tramitam no Congresso com o objetivo de diminuir a precocidade do consumo. A maioria deles prevê exatamente a restrição da publicidade da bebida alcoólica no Brasil, por meio da limitação de horários, da redução do teor alcoólico e do acesso aos produtos, bem como o aumento do valor e impostos.

Além da redução das campanhas positivas e inclusão de informações negativas nas propagandas, os especialistas acreditam na necessidade de se diminuir as oportunidades de consumo. Hoje, reunir amigos, até na beira da estrada, para ingerir bebidas alcoólicas é programa de entretenimento para os jovens. As festas também são mais frequentes se comparado a décadas atrás.

A isso se soma o tipo de bebida consumida, antes fermentadas, como a cerveja e, hoje, as destiladas, como a cachaça e a vodka. "Criou-se uma lógica de consumo. Quem não bebe, não consegue se inserir neste movimento. Com isso, há maior frequência e intensidade de uso, o que culmina num maior tempo de risco para esse adolescente", explica Castro.

No caso das meninas que se embriagam, ou são embriagadas, o abuso sexual é um dos maiores perigos, conforme constatado no diagnóstico. Meninos adolescentes estariam aproveitando estes momentos, sobretudo, em festas, para forçar o sexo e violentar as vítimas. "Surge aí um novo perfil de abusador, o próprio menino. Já faz um tempo que percebemos, e agora devemos aprofundar as pesquisas neste sentido", afirma Letícia.

A informação qualificada como maior aliada

A partir dos dados levantados, é possível verificar que precisamos ampliar as informações e o conhecimento multidisciplinar sobre os malefícios que as substâncias psicoativas, como o álcool, produzem na vida das crianças e adolescentes, a fim de estarmos alertas e vigilantes para coibir ou, no mínimo, postergar, o contato deles com estas substâncias. Neste sentido, o diagnóstico aqui apresentado à comunidade deve servir como fonte primária de informação qualificada sobre nossa realidade, contribuindo com a tomada de medidas protetivas e repressivas por todos, seja no âmbito familiar e social, seja no âmbito dos diversos órgãos do Poder Público, tanto na área administrativa, quanto no sistema de segurança pública e justiça.



**“Cobrar
direto do
adolescente
não funciona.
Eles dizem que
enquanto as
pessoas
continuarem
fingindo a
inexistência do
problema, eles
vão continuar
bebendo”,**

Letícia Leite, ginecologista e integrante do Programa Vida + Viva sem Álcool - 18 anos.



“O Vida+Viva é uma força para nós”

Realizado desde 2015, o Concurso Cultural é a principal porta de entrada das escolas no Programa Vida+Viva sem Álcool - 18 anos. A Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) São José de Conventos, do Bairro Conventos é uma das instituições participantes do evento.

Conforme a coordenadora pedagógica da escola, Sônia Porto Cardoso, a Emef participou de três edições do concurso. Estudantes dos anos finais - 6º ao 9º ano - são os responsáveis por organizar e apresentar as performances artísticas. Mas, antes de qualquer ensaio, eles trabalham o tema “Álcool e outras drogas” dentro da sala de aula, por meio da disciplina Religião.

“Foi um meio que encontramos para não abordar o assunto apenas com os participantes do concurso”, explica a professora. Nas duas primeiras edições, a escola apresentou peças teatrais e obteve o primeiro lugar em ambas. Em 2018, inovou com um vídeo, e também subiu ao pódio, na segunda colocação. O valor arrecadado com as premiações foi aplicado em outras ações culturais.

Depois de apresentadas no concurso, as performances foram exibidas para os demais estudantes e aos pais dos alunos. “Discutimos o assunto com eles. Quem tem alcoólatra na família busca levá-lo para assistir, porque já sabe que o incentivo à mudança é grande. O Vida+Viva é uma força para nós.”



Sônia Porto Cardoso,
coordenadora
pedagógica da Emef
São José de Conventos.



Alan Arthur Scherner, 13 anos, Giovana Schmitz, 14 anos, Kauê Franz, 15 anos.
Alunos da Emef São José de Conventos.

Alunos engajados

Dez alunos produziram o vídeo exibido em 2018. Dentre eles, Alan Arthur Scherner, 13 anos, do 7º ano; Kauê Franz, 15 anos, do 8º ano; e Giovana Schmitz, 14 anos, do 8º ano - dados de dezembro passado. Eles colaboraram com a iniciativa de modo espontâneo. Cada um deles tinha uma fala a ser executada na gravação. Bombeiros também participaram, comentando sobre os acidentes automobilísticos causados por pessoas embriagadas.

Foi um verdadeiro alerta sobre os riscos do consumo de álcool. “É muito importante, pois traz o lado ruim”, cita Kauê. Para Giovana, o vídeo refletiu a realidade vivida pelos adolescentes hoje. “Há jovens que estão sempre bêbados, ‘matam’ aula e perdem muito por conta disso.” Os estudantes afirmam ter criado consciência destes malefícios após terem participado do programa.

Hoje, alertam amigos e familiares sobre o problema. Porém, para eles, além do trabalho na escola, é necessária uma atuação conjunta da sociedade para impedir o consumo precoce de bebidas alcoólicas e entorpecentes para crianças e adolescentes. A começar, pelo bom exemplo dos pais. “Não podem beber e dirigir ou oferecer um gole para nós”, aponta Alan.

Os comerciantes também devem colaborar. “Precisam exigir a carteira de identidade e não vender para os menores. De que adianta ser proibido, se ninguém ‘dá bola?’”, questiona Kauê. Para a performance deste ano, os adolescentes esperam ter mais colegas engajados, de fato, com a causa, a fim de que a conscientização se espalhe e afete a comunidade escolar como um todo.

Protagonistas da ação

No Colégio Madre Bárbara, a professora de Artes Vanderléia Freitas dos Santos abordou o assunto, em 2017, com os alunos das oficinas de teatro. Depois de várias discussões, os estudantes, do 7º ano do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio, montaram um teatro de sombras.

Na peça, o protagonista toma um porre, mas se arrepende e para de beber. Num ato simbólico, coloca uma flor dentro da garrafa de bebida. Os primeiros a assistirem à performance foram os pais dos alunos, que também acompanharam uma palestra sobre o tema. Em 2018, a esquete foi exibida no Concurso Cultural do Vida+Viva.



Vanderléia Freitas dos Santos,
professora de artes do Colégio Madre Bárbara.

Thaís Sopelsa Pires, 15 anos, do 9º ano do Ensino Fundamental, e Gabriel Siqueira, 16 anos, do 1º ano do Ensino Médio, participaram do projeto - dados de dezembro passado. Para o estudante, a iniciativa foi construtiva. “Sempre ouvimos os outros falarem sobre o assunto. Desta vez, nós precisamos falar. Precisamos encontrar uma forma de as pessoas refletirem a partir do nosso teatro”, relata Gabriel.



Thaís Sopelsa Pires, 15 anos, e Gabriel Siqueira, 16 anos. Alunos do Colégio Madre Bárbara.

Controle precisa aumentar

O arrependimento do protagonista da esquete não é visto pelos estudantes no dia a dia. Ao contrário, percebem o consumo cada vez mais precoce e mais frequente. Até eles mesmos se sentem atraídos pelas bebidas alcoólicas. Dentro de casa, os pais limitam a quantidade de bebida consumida. Fora, não há controle, e os dois adolescentes presenciam muitos excessos.

Beber é necessidade para alguns. Comprar é fácil. Além dos adultos de 18, 19 anos, os próprios menores conseguem adquirir as bebidas, pois nenhum documento seria solicitado pelos comerciantes. Destilados são os preferidos.

Cerveja é raridade nestes encontros, que normalmente acontecem nas casas dos próprios adolescentes, quando pais ou responsáveis não estão presentes. Quem não bebe é alvo dos demais. "Ficam em cima, insistindo para que tomem." Para eles, a melhora dos índices de consumo depende de bons exemplos; do aumento do controle familiar; e também da conscientização dos jovens, por meio de palestras e rodas de conversa.

Divisor de águas

Assim como a Emef São José de Conventos, a Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Otilia Corrêa de Lima participou três vezes do Concurso Cultural.

Sob a coordenação da professora Patrícia Regina Marques, os estudantes apresentaram, em 2018, uma dança e um vídeo. "Neste ano (2018), tivemos maior engajamento dos outros professores, e, além de ensaiar para a apresentação, conseguimos trabalhar o tema em sala de aula."

Para ela, o programa foi um divisor de águas e possibilitou uma conversa mais aberta com os alunos. As expressões culturais intermediaram esse contato mais profundo, por meio do qual a escola descobriu novas necessidades dos alunos.

Em 2019, a pretensão de Patrícia é iniciar o ano com todas as turmas trabalhando o assunto, a fim de que a escola inteira faça parte deste movimento de conscientização.

"Precisamos mostrar o outro lado, mostrar uma realidade diferente para eles. Se não falamos sobre o problema, parece que ele não existe. Para eles, beber é algo normal, mas não é".



Patrícia Regina Marques, professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Otilia Corrêa de Lima.

Arte e consciência

Ludmilla Alves, 13 anos, do 7º ano; Kailany dos Santos, 14 anos, do 9º ano; e Lívia França, 11 anos, do 6º ano - dados de dezembro passado - apresentaram o espetáculo de dança em 2018. As três gostam de dançar e aproveitam a oportunidade dada pela escola para aprender mais. A conscientização quanto ao consumo de álcool e outras drogas é um "plus". Para Kailany, o concurso ajuda a pensar sobre o dia a dia, os problemas com os quais convivem e como enfrentá-los. Ela, por exemplo, decidiu se afastar de algumas amizades por conta do uso exagerado da substância. Ludmilla também conhece adolescentes conscientes sobre os problemas causados pela bebida, mas que, ainda assim, continuam consumindo. "Agem como se não soubessem de nada."

O trio de meninas aconselha os amigos. Lívia, apesar de estar na pré-adolescência, afirma que o assunto é comum com as colegas de aula. Mais velha das três, Kailany expõe que a compra das bebidas é tranquila e fora de casa não há nenhum empecilho. "Infelizmente, é tranquilo. Meus amigos conseguem comprar. Antigamente, não vendiam, mas agora parece que liberaram." O controle dentro de casa, segundo as meninas, é rigoroso. Os pais e familiares não liberam o consumo.



Ludmilla Alves, 13 anos, Kailany dos Santos, 14 anos e Lívia França, 11 anos: alunas da EEEF Otilia Corrêa de Lima.

* As imagens e entrevistas foram autorizadas por meio do termo de uso de direito de imagem e voz.

Dicas: tem filho adolescente?

- Não ofereça bebida alcoólica a ele;
- Não compre bebida alcoólica para ele e os amigos;
- Oriente quanto aos riscos do consumo precoce;
- Não permita que ele beba dentro ou fora de casa;
- Identifique e, se possível, visite os locais que ele frequenta;
- Verifique quem são os amigos e companhias;
- Leve e busque nas festas e encontros;
- Converse com outros pais dos amigos de seu filho(a);

Viu alguém vendendo bebidas alcoólicas para adolescentes?

Ligue para:

Prefeitura de Lajeado - Setor de Fiscalização - (51) 3982-1000

Brigada Militar - 190

Polícia Civil - (51) 3714-2888

Presenciou adolescentes consumindo bebidas alcoólicas?

Acione:

Conselho Tutelar: (51) 3982-1098 ou (51) 99865-7430



Estamos nas redes sociais:

curta nossa página no Facebook: [@vidamaisviva.org.br](https://www.facebook.com/vidamaisviva.org.br) e informe-se por meio do site vidamaisviva.org.br